



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE PSICOLOGIA

DOIS SENTIDOS DO ENSINAR

MARÍLIA ALENCAR VILELA

BRASÍLIA – DF
DEZEMBRO/2010

MARÍLIA ALENCAR VILELA

DOIS SENTIDOS DO ENSINAR

Monografia apresentada ao Centro universitário de Brasília como requisito básico para a obtenção do grau de Psicólogo da Faculdade de Ciências da Saúde. Professora-Orientadora: Dra. Elizabeth Tunes.

BRASÍLIA, DEZEMBRO / 2010



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

A menção final obtida foi:

BRASÍLIA, DEZEMBRO/2010

AGRADECIMENTOS

Pensar na minha trajetória no curso de Psicologia é primeiramente perceber quão rápido se passou, porém com diversos fatos em meio a inúmeras pessoas, na qual pude crescer e me desenvolver como pessoa. Parece que ontem entrei na faculdade, como uma pessoa em busca de se encontrar no curso e se realizar. Hoje, posso falar que me encontro realizada, não somente por estar me formando, e sim como alguém que se conheceu melhor no sentido de desenvolver potencialidades e trabalhar cotidianamente com as fraquezas.

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me iluminado durante todo esse caminho e ao longo da minha vida; a minha família (pai, mãe, irmão), meu maior porto seguro, a qual vivi distante durante todo o curso pela minha mudança para Brasília, mas sempre me deram todo apoio do mundo; tios, tias, primos, primas, que sempre torcem por mim em qualquer circunstância da minha vida; minhas grandes amigas de infância, as quais sempre pude contar e depositam toda confiança do mundo em mim; companheiras(os) da faculdade, que se tornaram fundamentais em minha vida, e pudemos compartilhar alegrias e tristezas ao longo do curso; aos amigos(as) que pude conhecer em Brasília, e com certeza foram peças fundamentais para a minha permanência aqui, para o meu crescimento como pessoa e para o encerramento do meu curso.

Não podendo esquecer a minha orientadora Elizabeth Tunes, a qual desde o primeiro momento pôde admirar e aprender muito, o que contribuiu muito para o meu enriquecimento como pessoa e desenvolvimento do presente trabalho. Com sua objetividade, praticidade, e pelo ensinamento de termos que utilizei que fazem toda a diferença no trabalho, posso dizer que levarei para a vida inteira.

Enfim, agradecer não seria o suficiente, posso dizer que além de eu ter aprendido bastante tudo que vi e vivi no curso, todas essas pessoas me passaram algum tipo de ensinamento, que jamais será esquecido por mim.

RESUMO

O presente trabalho busca discutir sobre a relação professor aluno, trazendo uma reflexão acerca de duas formas de ensinar, a que é própria do mestre embrutecedor e a do mestre emancipador. Tendo como base a psicologia histórico-cultural de Vigotski e as análises de Illich e Rancière acerca da escola, o trabalho tratou, em um primeiro momento, das concepções de uma sociedade desescolarizada, que admite que a aprendizagem possa ocorrer em qualquer tipo de relação social e não somente na escola. Em seguida, passou-se a analisar as duas formas de ensinar. Em um último momento, procurou-se caracterizar qual estilo predomina na sociedade contemporânea, demonstrando-se que, na sociedade escolarizada, predomina o estilo do mestre embrutecedor.

Palavras-chave: relação professor-aluno, escola, processo de ensino-aprendizagem.

SUMARIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. RELAÇÃO ENTRE INSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO.....	8
2.1. Cultura da educação	8
2.2. Papéis desempenhados pelo professor e pelo aluno	11
3. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	13
4. PANORAMA ATUAL DA ESCOLA.....	20
5. CONCLUSÃO	26
6. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro, buscou-se discutir a respeito da sociedade contemporânea escolarizada. Segundo Illich (1973), a mesma faz críticas ao modelo escolar mercantilista, afirmando que a escola desencoraja outras instâncias sociais a participarem da educação. No segundo, examinou-se a idéia de que existem duas formas de aprender no âmbito da educação, sendo uma por meio do mestre embrutecedor e a outra, pelo mestre emancipador. No terceiro, procurou-se identificar o tipo de mestre que predomina na escola atual.

Segundo Illich (1985), o fato de existir uma instituição formalizada e autorizada a proporcionar uma educação que requer assistência de tempo integral a um currículo obrigatório, dividindo os alunos em salas por faixa etária e com a presença de um professor, não pode se confundir com uma boa instrução.

Conforme o autor, o aprendizado se dá muito mais fora da escola. Porém, ela tornou-se um instrumento para capturar o homem tentando modelar a vida humana de acordo com um determinado padrão. Na verdade, a aprendizagem pode ocorrer em qualquer tipo de relação social, no cotidiano, na vida, na troca diária, por meio das relações dialogais.

Sendo o diálogo o meio mais propício ao exercício da convivência humana, permitindo que as pessoas reconheçam o outro e reconheçam-se no outro. Tendo como foco a aprendizagem em um contexto escolar, será apresentado as duas formas de ensinar-aprender, seja por meio de um mestre embrutecedor, seja pelo mestre emancipador. E também que, na escola contemporânea, prevalece a atitude do mestre embrutecedor.

Segundo Assis (2009), o que falta é a compreensão de que a aprendizagem pode acontecer no próprio exercício da convivência, pautada no diálogo relacional. Assim a educação escolar contemporânea não realiza o ideal de emancipação dos indivíduos, tendo por

base a compreensão de que a igualdade das inteligências não é objetivo a ser alcançado e sim ponto de partida do processo educacional.

2. RELAÇÃO ENTRE INSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO

2.1. Cultura da educação

Na Idade Média, não havia uma relação direta da educação com o tempo, trabalho ou lazer. Ela não era sinônimo de competição, mas estava incrustada na vida das pessoas por ser “complexa, durava a vida inteira e não era planejada” (Illich,1985). Porém, na sociedade contemporânea, a educação está estritamente associada ao sistema escolar; conseqüentemente, a sociedade está escolarizada.

Segundo Illich (1985), o fato de existir uma instituição formalizada e autorizada a proporcionar uma educação que requer assistência de tempo integral a um currículo obrigatório, dividindo os alunos em salas por faixa etária e com a presença de um professor, não pode se confundir com uma boa instrução.

A escola é a instituição mais presente no mundo do homem, tornou-se um instrumento para capturar o homem pelas mãos de sua própria criação. E pode ser considerada como uma ferramenta que tenta moldar a vida humana de acordo com um determinado padrão (Illich, 1985). A aprendizagem é efêmera, a escola ensina em prol do amanhã.

De acordo com Vigotski, citado por Illich(1985) o homem desenvolve-se, antes de tudo, em qualquer tipo de sistema social, e não necessariamente somente na escola. Porém, a escola se apropria do dinheiro das pessoas e da boa vontade disponível, desencorajando outras instituições que assumem tarefas educacionais.

Talvez pelo fato de o senso-comum associar educação e aprendizagem com escola, as demais instâncias sociais (trabalho, lazer, política, vida na cidade) dependem da mesma por causa dos hábitos e conhecimentos que pressupõem em vez de converterem-se elas próprias nos meios de educação (Illich, 1985).

Segundo Illich (1985) a maior parte da aprendizagem ocorre casualmente e não é

resultado de uma instrução programada. Mas para isso é necessária a desescolarização da sociedade como um todo, pois se as escolas são o lugar errado para se aprender uma habilidade é o lugar mais errado ainda para se obter educação.

A escola realiza mal ambas as tarefas, em parte, porque não sabe diferenciar as duas. Sua ineficiência no ensino de habilidades deve-se, principalmente, ao fato de ser curricular. Como sugestão, Illich propõe uma rede ou um sistema de serviços que fornece a cada um a mesma oportunidade de partilhar seus interesses com outras pessoas com a mesma motivação.

A escola deveria ser projetada como mais uma oportunidade educacional, e não como única e exclusiva, uma vez que existem outras maneiras de aprender e ensinar, que podem acontecer em qualquer relação social.

Pensar o homem como um ser de transformação do mundo significa dizer que ele está apto a responder sempre a novos desafios. Como ser incompleto, está em busca permanente. Segundo Freire (1973), o sujeito de busca é o próprio homem que realiza. Isso significa que não se transforma a realidade sem se estar envolvida nela e por ela.

Quanto mais se torna sujeito das modificações, mais se afirmará como um ser de opções e, quanto mais conhecer criticamente as condições concretas da sua realidade, mais poderá realizar a sua busca mediante a transformação da realidade.

Transpondo essa idéia para a relação professor aluno, pode-se afirmar que se o aluno possui certa liberdade dentro da sala de aula, simultaneamente, desenvolve seu poder de criatividade e transformação como pessoa e como parceiro do professor no processo de ensino.

No contexto em questão, o aprendizado advém do aluno, porém, é necessária a presença de um professor, que funciona como organizador social do ambiente. Já para Peraci (2009) a aprendizagem somente é possível na relação com o outro. Quando nossas ações são reconhecidas pelo outro, são certificadas e reconhecidas como autênticas no mundo que

habitamos e vão se desenvolvendo.

Os processos de instrução e desenvolvimento para Peraci (2009) impulsiona a criança para a vida, propiciando o seu desenvolvimento. A instrução é sempre anterior ao desenvolvimento e refere-se à possibilidade de a criança fazer, em colaboração com outra pessoa, aquilo que, no futuro, poderá fazer sozinha, por iniciativa própria e com autonomia.

A pessoa que ensina deve abdicar do controle, pois ensinar:

Requer vulnerabilidade de quem ensina a quem aprende(...). Ensinar, verdadeiramente, não comporta, portanto, generalizações; significa antes de tudo, o voltar-se para o diferente, o particular, o singular, o reconhecimento da alteridade do outro e sua irredutibilidade (Tunes e Bartholo, 2004).

O desenvolvimento, para Vygotsky, não significa apenas adaptação ao meio, e sim, se dá em espaços que privilegiam a condição genuinamente humana, acontecendo por meio da relação direta com o outro.

Já para Bruner (2001) nos conduz a uma abordagem referente à natureza da mente, a qual denominou culturalismo. A sua abordagem culturalista, de certo modo, privilegia as idéias de Vigotski.

Essa abordagem trata da questão de que a evolução da mente é totalmente atrelada ao desenvolvimento de uma forma de vida, em que os símbolos são compartilhados entre membros de uma comunidade, e as interpretações a respeito do símbolo vão surgindo.

Dessa forma, as informações são transmitidas a gerações sucessivas e, por esse motivo, a identidade da cultura e o modo de vida permanecem, com mudanças não tão significativas, ou seja, a essência da cultura permanece relativamente estável.

O culturalismo se preocupa exclusivamente com a forma como os seres humanos são inseridos em comunidades culturais e como criam e transformam os significados. A

intersubjetividade, como os seres humanos passam a conhecer as mentes uns dos outros, é um ponto essencial ao tratarmos do culturalismo.

Tomando como referência esse pensamento, educação significa muito mais do que equiparar aprendizagem com a sala de aula, com recursos disponíveis, professores bem instruídos; envolve uma atividade de adequar a cultura às necessidades de seus membros, e de seus membros à necessidade da cultura.

2.2. Papéis desempenhados pelo professor e pelo aluno

No mundo pós-moderno, independente do contexto social, tais como: família, escola, trabalho, as relações interpessoais estão cada vez mais marcantes. Lutar em prol de algo requer, além do trabalho árduo, uma série de atitudes positivas e comportamentos que o indivíduo deve possuir perante a sociedade em geral.

Patto (1997) exemplifica bem essa questão ao fazer comparações acerca de alguns profissionais. Segundo a autora, o operário é aceito pelos colegas e pelo contramestre não apenas pela sua capacidade de trabalho, mas, sobretudo, pela sua habilidade na aceitação e manutenção de relações harmoniosas no grupo; o político triunfa não tanto pela sua inteligência ou fidelidade ideológica, como pela sua capacidade de sorrir ou enfurecer-se nos momentos adequados. E, na escola, não poderia ser diferente. Seguindo o pensamento da autora, o professor vence ou é derrotado não apenas pelo seu saber maior ou menor, mas principalmente pela sua capacidade de lidar com os alunos.

Já Rodrigues (1972) afirma que as interações humanas, fonte de constantes pesquisas e descobertas, constituem-se de troca, de dependência e interdependência, envolvendo dois ou mais indivíduos. Assim, tanto o professor como o aluno desempenham um determinado papel no processo de instrução e aprendizagem. A noção de que o professor, ao entrar em sala de aula, está pronto para ensinar e repassar conhecimentos, não é suficiente para um aprendizado

por parte do aluno. Deve-se levar em consideração toda a experiência diária de ambos.

Segundo Tunes (2009) ao considerar o campo da relação professor-aluno, afirma que os atributos serão as atitudes, as funções e as atividades de cada um, e a complementaridade estará na posição de um em relação ao outro, bem como na participação de outros atores ligados à situação pedagógica.

O professor, como representante da cultura e do saber acumulado pela sociedade, tendo passado por um processo de individualização, seria o transmissor oficial desse saber, visto que possui os requisitos para fazê-lo.

Dessa forma, assume o papel daquele que ensina. O aluno, por ser ainda um indivíduo no início de sua formação, por necessitar instrumentalizar-se para inserir-se na sociedade, ocupa o papel daquele que aprende, do que recebe os conhecimentos (Patto,1987).

Dessa forma, aprender significa estudar, interagir, expor idéias, arriscar-se, aventurar-se e, de acordo com a teoria histórica cultural, sempre inserida em uma relação interpessoal. Pelo contato com o outro, o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir e , dessa maneira, apropria-se de novos conhecimentos.

Bartholo (2001, p.11) enfatiza a importância dessa relação ao dizer que: “... a consciência do indivíduo é necessariamente acompanhada de uma outra, a de um Tu, e somente é possível sob tal condição.”

Ao tratarmos da relação social entre aluno e professor, é importante tratar do conceito de zona de desenvolvimento iminente. A respeito desse conceito, podemos dizer que o conhecimento já existe em um determinado sujeito, porém, em colaboração com outro mais capaz, seja em forma de orientação, de troca, de diálogo, ele é capaz de ir se desenvolvendo e se aprimorando. No caso, o professor é visto como um ser de saber maior que possui como função transmitir o conhecimento acumulado pela sociedade, funcionando como organizador social do ambiente.

3. RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Como já foi discutida, a aprendizagem pode ocorrer em qualquer contexto social, se pensarmos em dois indivíduos envolvidos em uma relação, de forma que, a partir da troca de experiências, os indivíduos conseguem reelaborar sentidos. Na esfera das ações da relação professor aluno, o primeiro empenha-se em promover a aprendizagem do segundo, com o objetivo de penetrar e interferir em sua atividade psíquica, especificamente seu pensamento. Cabe ao professor escolher seu modo de ensinar, e este deve estar coordenado com o modo de pensar do aluno (Tunes, 2009).

Ranciere (2004) discute a idéia de duas formas do aprender, sendo uma com a ajuda de um mestre embrutecedor e a outra de um mestre emancipador. Na primeira, existe uma distância mantida, sobressai a idéia de inteligência superior de uma das partes, a explicação ocorre com a aniquilação de um pelo outro, o professor é visto como autoritário, reconhece e confirma a incapacidade do aluno, define a forma que o aluno deverá adotar para aprender, importando-se apenas com o ponto de chegada, deixando para trás a parte mais importante que é a participação no caminho para a aprendizagem ocorrer, sem abertura de espaço para dúvidas e esclarecimentos. Para o mestre embrutecedor, o processo de ensinar algo a alguém consiste primeiramente em demonstrar-lhe que não conseguirá aprender por si só (Rancière,2004).

O mestre embrutecedor preserva a ignorância do aluno, por isso existe sempre a necessidade de explicação, de informações complementares por parte do mesmo. Rancière esclarece que " Todo homem que é ensinado não é senão uma metade do homem" (Rancière, 2004, p.44).

Ao conduzir uma aula adotando o estilo embrutecedor, o mestre faz com que o aluno aprenda, mas logo esqueça o que foi absorvido, pois sobrecarrega a memória, ao invés de

formar a inteligência (Rancière, 2004).

Assim, os alunos se sentem inferiorizados e os professores superiores, fazendo com que os alunos os vejam dessa forma também.

O mestre emancipador, por sua vez, traz a idéia de igualdade de inteligência, e é caracterizado pela tomada de consciência do indivíduo, fazendo com que os alunos percebam que o processo da aprendizagem pode ocorrer por seus próprios esforços. Na relação com esse mestre, existe a possibilidade de diálogo, a permissão para a inteligência revelar-se a si própria; uma vez que o mestre emancipador desafia o aluno a usar sua própria inteligência. O mestre emancipador é aquele que, com suas perguntas, guia discretamente a inteligência dos alunos. Avalia o caminho percorrido pelo aluno que o levou a tal conclusão, ao invés de se preocupar somente com o ponto final.

Assim como Rancière (2004), Vigotski (2004) também examina a existência das duas formas de ensinar. O autor distingue o mestre gramofone do mestre verdadeiro. O primeiro é um mero instrumento da educação, não possuindo sua própria voz e cantando apenas o que o disco lhe dita, ou seja, repassa o conteúdo da mesma forma que recebe, sem espaço para os alunos se expressar, quando o que é exigido é que ele passe inspiração e com ela consiga alimentar os alunos. Munsterberg (1910), citado por Vigotski (2004), exprime de maneira mais notória essa concepção, ao falar do mestre gramofone:

O mestre que não percebe a beleza e o sagrado da sua missão, que entra para a escola não porque o coração está repleto de vontade de ensinar a juventude, mas apenas ter um emprego e conseguir os meios de sobrevivência, esse tipo de mestre prejudica os alunos e ainda mais a si mesmo. (Vigotski,2004,p.449/450)

Segundo Vigotski (2004), durante os últimos tempos, o aluno permaneceu atrelado ao professor, absorvendo todo o conteúdo aprendido e transformando-o em “única verdade”,

vendo e julgando tudo de acordo com a mente dele, porém, aos poucos, este deve caminhar sobre suas próprias pernas, permitindo as quedas, semelhante a uma marcha, arriscando-se, expondo-se, etc.

O mestre deve ser um profissional cientificamente instruído e um professor de verdade, e os cálculos precisos, conhecimentos exatos, apenas instrumentos do pedagogo (Vigotski, 2004).

Antigamente, era exigido do mestre apenas que conhecesse seu objeto, e que fosse capaz de ter controle sobre a turma, ao passo que hoje em dia, a pedagogia é vista como uma arte complexa e de base científica na qual o professor deve ter um embasamento cultural vasto (Vigotski, 2004).

De acordo com Tacca (2000), é necessário ter claro para quem está se ensinando e qual a melhor maneira de conduzir esse processo. E isso envolve dar conta de diversas situações no ensino- aprendizagem, do aluno real, concreto, do conhecimento, das estratégias de ensino e do contexto histórico e cultural em que se situa.

Vigotski (2004) afirma que:

O mestre deve viver na comunidade escolar como parte inalienável dela e, nesse sentido, as suas relações com os alunos podem atingir tal força, transparência e elevação que não encontrarão nada igual na escola social das relações humanas.
(p.455)

Cabe a ele tornar todo seu saber em uma alavanca de mudanças, não somente no nível escolar, mas político, econômico e social. Além de procurar somente solucionar as deficiências encontradas em sala de aula, deve elevar os conhecimentos dos alunos para o nível do mundo contemporâneo.

Sendo assim, o processo de lecionar envolve muito mais do que a inspiração,

afetividade, conhecimento preciso e outros elementos e isso fica claro em diferentes situações. É impossível pensarmos em um fabricante americano confiando a direção de sua fábrica à inspiração de um diretor ou o comando de um navio ao entusiasmo de um capitão. Da mesma forma, a pedagogia necessita de pessoas que tenham um vasto conhecimento e consigam suscitar nos alunos o interesse pela aprendizagem.

Logo, a aprendizagem implica esforço ativo próprio em condição de liberdade. Esse esforço ativo próprio se dá a partir do momento em que o aluno consegue obter por si só seus conhecimentos e atualizar-se (Vigotski,2004).

Ainda tratando de um verdadeiro mestre, Montaigne (2005), citado por Tunes, afirma que é aquele que faz o estudante experimentar, escolher e discernir; dialoga com o estudante; guia-se pela andadura do estudante; propõe ao estudante a escolha ou permanência na dúvida; afirma o movimento da inteligência do mesmo; promove a formação ética do estudante pelo exercício contínuo das virtudes e acima de tudo, tem a cabeça bem feita.

E sendo assim, a relação entre professor e aluno só tende a progredir, estando sempre em constante desenvolvimento. Professor e aluno atuam de forma recíproca, sem que um seja a causa do outro, provocando constantes e imprevisíveis desdobramentos que levam a novas configurações de sentido subjetivo (Rey,1997,1999,2001,2004) citado por Tacca (2008).

Segundo Tacca (2008), o professor deve fornecer um tempo para o aluno elaborar suas questões, levantar as perguntas e avançar no caminho de suas conclusões. A conversação, o diálogo em sala de aula, estimula o envolvimento do aluno, que vai entrando em um caminho que o obrigará a assumir posições.

O caráter dialógico das práticas pedagógicas não se relaciona só com a exposição e o trabalho em sala de aula, mas com a própria avaliação do aluno. A avaliação não pode se constituir em um processo frio e despersonalizado, pois ela tem que estimular a reflexão do aluno, a compreensão de aspectos que ainda não domina.

Para Mazzeto (1992), citado por Tacca (2008), ao conduzir o processo dessa forma, o professor, conseqüentemente, promoverá aprendizagem entre os alunos. A forma adotada pelo mestre em sala de aula é constituída por estratégias pedagógicas, que propõem colocar os alunos em diferentes situações, fazendo com que ocorra uma maior integração entre eles, incentivando-os e motivando-os para a participação ativa na sala de aula, e dinamizando a situação pedagógica.

Segundo Tacca (2008), ao ser visto como figura de fácil acesso, o professor propicia ajudar cada aluno encontrar a si mesmo no roteiro de produção do seu próprio conhecimento e gera uma dinâmica de desafios constantes de reflexão. A autora afirma que as estratégias seriam recursos relacionais que orientam o professor na criação de um diálogo com o aluno, tendo em vista penetrar o pensamento, as emoções, conhecendo as interligações da unidade cognição-afeto.

Elas implicam que o professor dispõe-se a pensar com o outro para fazer gerar as significações da aprendizagem. O compartilhamento do pensar, tanto por parte do professor como do aluno, exige uma disponibilidade constante de um e de outro. Isso é a concretização do conceito de zona de desenvolvimento iminente.

O professor trabalha com o aluno na tentativa de ajudá-lo a compreender o processo de significação que percorreu, conseguindo reelaborar o que foi aprendido. Por isso, é um processo em constante desenvolvimento, valendo ressaltar que os conteúdos devem ser os meios e não o fim da aprendizagem.

Assim, a aprendizagem implica a construção de um processo comunicativo efetivo, pois a confiança deve existir entre ambas as partes, permitindo exposição, sem medo de situações constrangedoras ou críticas. Quando muito retraído, inseguro, o aluno não consegue externalizar seu pensamento, o que acaba por prejudicá-lo de alguma forma.

Esta seria uma habilidade a ser desenvolvida com a proposição de mecanismos que

possam ajudá-lo a exprimir aos poucos o seu pensamento a respeito de tal ou qual questão. Já os alunos participativos, cooperativos, interessados só podem ser encontrados em um ambiente em que ocorra interação, onde a comunicação é estimulada e estruturada dentro de relações de confiança construída por todos.

Logo, as estratégias pedagógicas verdadeiras somente são aquelas que possibilitam relações entre pessoas e entre elas e o conhecimento (Tacca,2006). A partir do momento em que o aluno consegue tornar-se sujeito, ele desenvolve um roteiro diferenciado em relação ao que aprende e tende a se posicionar de forma crítica e reflexiva em relação ao aprendizado (Tacca, 2008).

Para Vigotski (2004), o processo pedagógico se assemelha à vida social ativa, em que a experiência do pensar e sentir, e todos os elementos envolvidos, são utilizados na tensa luta social denominada trabalho pedagógico interior, no intuito de fazer com que os alunos absorvam o conteúdo.

Dessa maneira, a educação pode ser consolidada como uma criação da vida, dotada de diversos obstáculos que estimulam a criação, na tentativa de sua superação, o que acaba resultando em novas formas de comportamento. Ao trocarem vivências, exporem novas idéias, professor e aluno caminham a fim de aspirarem a uma nova realidade, no sentido de criar algo novo.

A psicologia histórico-cultural de Vigotski concebe o psiquismo como uma construção social, que se realiza com um sistema de signos, e que se caracteriza por ser um processo permanente de produção; esta é vista como um acontecimento vivo, contraditório e multidimensional (Tunes, 2009).

O processo de educar significa nutrir possibilidades relacionais, valendo ressaltar que ninguém nunca é total conhecedor de algo, o indivíduo está sempre em processo de aprendizagem. As ações sociais que permitem aos indivíduos compartilharem a complexa

rede de significados socialmente produzidos vão ganhando relevância (Tunes, 2009).

Educar seria levar o aluno à consciência de que sempre pode ser mais, e o papel do professor é atentar para todos os elementos que estarão nessa caminhada para o aluno aprender e se desenvolver.

Como afirma Goes (1991), citado por Tunes (2009) a capacidade para a aprendizagem emerge e cresce de modo partilhado. E, para isso, são necessárias parcerias nos espaços pedagógicos para que haja a possibilidade de empreendimento de novas situações sociais de desenvolvimento.

Fala-se que, no futuro, o pedagogo se tornará um ativo participante da vida através do objeto que ensina ele estará ligando à vida, e o significado da palavra escola estará presente na fábrica, na praça pública, no museu, no hospital, etc (Vygotsky, 2004).

Segundo Munsterberg (1910), citado por Vygotsky (2004), ressalta essa idéia de professores do futuro, ao falar que “ em cada sala de aula haverá janelas, um professor de verdade irá olhar de sua escrivaninha para o vasto mundo, para as inquietações humanas, as alegrias e obrigações da vida”.

Para o conteúdo que foi discutido no capítulo presente, a idéia de mestre emancipador é fundamental, como afirma Rancière (2002) a emancipação nada mais é que o ato de uma inteligência que não obedece senão a ela mesma, ainda que a vontade obedeça a uma outra vontade. Assim, o processo de emancipar alguém é, antes de mais nada, emancipar a si próprio, reconhecendo-se como sujeito intelectual capaz de participar da potência comum dos seres intelectuais. Rancière (2002, p.107) ainda afirma que a "igualdade das inteligências é o laço comum do gênero humano, a condição necessária e suficiente para que uma sociedade de homens exista".

Essa concepção de mestre irá ser retomada no capítulo posterior, ao discutirmos o panorama atual da escola contemporânea, analisando toda a sua conjuntura.

4. PANORAMA ATUAL DA ESCOLA

Como já foi discutido no presente trabalho, a aprendizagem ocorre em qualquer contexto social. Levando em consideração a aprendizagem no âmbito escolar, pode-se perceber que existem duas formas de aprender, sendo uma por meio de um mestre embrutecedor e a outra por meio de um mestre emancipador.

Illich (1985) discute a idéia de uma sociedade sem escolas. Segundo ele, o fato de existir uma instituição formalizada e autorizada a proporcionar educação, dividindo os alunos por faixa etária e com a presença de um professor, não pode se confundir com boa instrução. Na sociedade contemporânea, a escola é uma ferramenta que tenta modelar a vida humana de acordo com um determinado padrão; todavia, ela é efêmera, ainda que procure ensinar em prol do amanhã.

Essa idéia de escola é predominante na sociedade contemporânea, pois o senso comum associa aprendizagem com escola, e as demais instâncias sociais dependem da mesma por causa dos hábitos e conhecimentos que pressupõem que, ao invés de serem meios de educação, são tratados como seu fim.

Para muitos, a escola é o único lugar capaz de proporcionar crescimento e possibilidade de um futuro. De acordo com Morais (2010), muitos professores utilizam o mecanismo do silenciamento escolar, e o percebem como um aliado dos atos pedagógicos, e se valem dele como um elemento punitivo. O silêncio costuma ser uma exigência que, se não atendida pelos alunos, é motivo de ameaça por parte dos professores.

Segundo Morais (2010) afirma ainda que o homem atual toma o silêncio como parte fundamental em uma sala de aula, antes mesmo das perguntas serem lançadas. A ausência da resposta de alguns, confirma a desigualdade de saberes entre os indagados.

Esse tipo de mestre, que utiliza as perguntas somente para instituir saberes, como

afirma Rancière (2005, p.89) “comanda as evoluções, as marchas e contramarchas” e “conserva o repouso e a dignidade do comando durante o manejo do espírito que está dirigindo”. O vínculo, que deveria ser autêntico, acaba mostrando-se dissolvido e, infelizmente, é utilizando esse parâmetro de ensino que muitas escolas se guiam.

Na escola atual, a partir do momento em que o professor consegue o direcionamento dos alunos para a atividade, isso se torna sinônimo de garantia que conquistou seus objetivos de ensino, pelo manejo do “outro” (Morais, 2010). Estar em silêncio, para o professor é fazer com que o outro o obedeça; já para o aluno, seria uma forma de não sofrer punições.

A prática pedagógica nada mais é que um processo inacabado, em que a base de sustentação é a comunicação estabelecida entre professor e aluno. Dessa forma, criar expectativas anteriormente à entrada na sala de aula e com relação ao desempenho dos alunos não é garantia de sucesso para a aprendizagem, visto que o processo de ensino pode levar a fatos imprevisíveis.

A expectativa pode ser vista como um fator de provável influência no comportamento dos alunos. Não somente no âmbito escolar, como também em diferentes contextos sociais, as pessoas se apropriam de atalhos para facilitar a compreensão do outro e, para isso, muito comumente, são utilizados estereótipos. Em outras palavras, o fato de existir uma boa expectativa pode amplificar o próprio desempenho dos alunos, assim como a má expectativa pode diminuir as chances de se ter um bom desempenho (Soares, Fernandes, Ferraz, & Riani, 2010).

Fazendo uma analogia a isso é necessário dissolver qualquer tipo de estereótipo e associações entre teoria e prática, sujeito e objeto, informação e realização entre o que se sabe e o que se diz saber, caso contrário pode acarretar em uma prática grosseira, falta de informação, o que gera a não aprendizagem. Ainda, tratando-se de estereótipos, é muito comum a atribuição do fracasso escolar ao aluno, o que impede a continuidade da sua

escolarização (Leite & Molina, 2002; Silva & Tunes, 1999; Tacca, 1999).

O aluno que, de alguma forma, se sente inferiorizado em relação ao seu saber e em sua forma de aprender é primeiramente criticado, ao invés de ser traçado um plano para lidar com ele. Segundo Patto, (2000); e Tacca, (1999), a família logo é culpabilizada, é recomendando-se serviços de “reforço” escolar, entre outros (Tacca, & Branco, 2008).

Nessa atitude, predomina a idéia de um mestre embrutecedor, que se caracteriza por: o professor possui e sempre possuirá um saber maior que o aluno; deve sempre proteger o aluno de forma que este não cometa erros; deve e pode julgar o aluno; deve determinar a legitimidade dos interesses do aluno e cabe a ele definir a comunicação possível com o aluno (Ramos-Cerqueira, 1997).

De acordo com pesquisas realizadas, a justificativa para a predominância do estilo embrutecedor é que professores optam pelo conforto e comodidade de uma aula “rigorosamente planejada”, em que impõem a ordem do pensamento e a distância da comunicação, e os alunos com a visão de que aquele que ensina é uma fonte inesgotável de sabedoria (Ramos-Cerqueira, 1997).

A aprendizagem assemelha-se a uma peça, em que os atores envolvidos estão em um processo de troca permeado de simbolismos e significações, cabendo ao professor identificar os significados que cada aluno atribuiu aos conteúdos circulados na sala de aula, nas atividades desenvolvidas e na própria rotina de convivência entre eles. Tudo isso facilita o estabelecimento de uma relação de confiança (Tacca, & Branco, 2008).

Conforme já foi dito, o processo pedagógico acontece pela troca de informações, ou seja, pela comunicação. Dependendo de como essa comunicação é desencadeada, o sujeito automaticamente entra em um processo de revisão de suas perspectivas a respeito do mundo. Esse procedimento é composto por três elementos: argumento, contra-argumento e resposta. Argumento seria qualquer idéia exposta, contra-argumento é definido como qualquer idéia

que desafia o ponto de vista do argumento já colocado, e a resposta como a reação imediata a contra-argumentos levantados (Chiaro & Leitão, 2005).

O pressuposto básico dessa idéia é que os alunos, ao trocarem idéias entre si, internalizam processos de diálogo, tornam-se mais reflexivos e começam a exercitar o pensar por si mesmos. Porém, para que esse processo ocorra com êxito é imprescindível que o professor seja o organizador social do ambiente de desenvolvimento (Chiaro & Leitão, 2005).

Somente como organizador social do ambiente de desenvolvimento é que o professor, efetivamente, contribui para que a instrução que oferece ao aluno propicie a este um salto na aprendizagem, criando a zona de desenvolvimento iminente (Tacca, & Branco, 2008).

Assim, o mestre tem o papel de criar um criador e não ser apenas um treinador de técnicas. Segundo Tunes (1991), na sua relação com o aluno, o professor pode conseguir que este chegue a dominar o conhecimento que aprendeu (Ramos-Cerqueira, 1997).

Ao agir como mestre emancipador, o professor contribui para a criação de patrimônios relacionais, isto é, um “(...) conjunto de bens, materiais ou não, direitos, ações, posse e tudo que pertença a uma pessoa (...)” ou a um grupo. Segundo Marta Arjona, o conceito de patrimônio toma uma proporção muito além do individual e está presente na sociedade como um todo. Ela afirma que: “Reconhecemos como patrimônio cultural aqueles bens que são a expressão e o testemunho da criação humana e da evolução da natureza e que tem especial relevância em relação com a arqueologia, a pré-história, a literatura, a educação, a arte, a ciência e a cultura em geral” (Arjona, 1986, p.7).

O patrimônio relacional é um bem intangível, uma criação social dinâmica, flexível, aberta ou fechada, e as pessoas envolvidas são as únicas que podem preservá-los. O "patrimônio relacional é constituído por modos de relação interpessoal que pressupõem alteridade e vulnerabilidade e os patrimônios culturais, sociais, econômicos (...) não estão

desvinculados do patrimônio relacional. Sua ampliação e manutenção também fundamentam-se na tradição"(Bartholo, Silva e Tunes, 2006 ,p.9)

Essa noção de patrimônio relacional está presente nas idéias de Buber (2006), pois, para esse autor, o homem é um ser de relação e dual, e essa relação é o fundamento de sua existência, possibilitando a abertura dialogal, abertura ao outro, responsabilidade e reciprocidade, assim como doação e resposta. A palavra, como principal elemento dessa relação dialógica não é apenas verbal, tanto um olhar, toque, afeto, até mesmo o silêncio, que já foi discutido no início do capítulo, são elementos desta. Tudo que comunica sentido para alguém fundamenta um modo de existir humano.

De acordo com Assis (2009), o que falta na sociedade contemporânea é a compreensão de que a aprendizagem pode acontecer no próprio exercício da convivência; a preservação dos patrimônios relacionais preserva a vida e o rosto humano diante de qualquer situação. Assim, no ambiente escolar atual, o que falta é a emancipação dos indivíduos, ou seja, a compreensão de que a igualdade das inteligências não é um objetivo a ser alcançado mas uma condição do ponto de partida, quando se pensa em emancipação.

A escola é vista como uma instituição intencionada a diminuir as desigualdades sociais pela distribuição do saber, porém a forma que os professores adotam para trabalhar com os alunos, a do mestre embrutecedor, na maioria das vezes, reforça a idéia de desigualdade, prevalecendo sempre a superioridade intelectual de uns e a inferioridade de outros.

Na verdade, a educação não deveria ser voltada para ensinar conhecimentos, e sim para a apropriação desses conhecimentos e sua utilização. Mas isso somente é conquistado com trabalho e esforço pessoal dos indivíduos envolvidos na relação. Rancière e Vigotski concordam com o mesmo ponto de vista, ao discutirem que o mestre deve desafiar os alunos a descobrirem suas potencialidades por si sós.

O saber não é restrito aos portões da escola, estando presente na vida (Assis,2009). Um pai de família pode educar seus filhos, ensiná-los a ler mesmo sem saber; exercendo o papel de emancipador, verificando se o aluno aplicou inteligência e atenção, relacionou as coisas e soube articular os saberes que surgiram ao longo desse caminho de descobertas. Esse caminho é longo e exige constante procura tentativas, repetições, imitações, traduções, decomposições, recomposições e capacidade de relacionar uma coisa a outra. Muitas vezes, o incentivo, uma palavra amiga ou qualquer gesto de atenção que se dê para a criança, é o suficiente para a garantia de um caminho bem sucedido. Somos "livres para aprender, autônomos nos busca de nossos saberes, arquitetos de nosso aprendizado e , enquanto seres humanos semelhantes ; temos igual inteligência e capacidade para aprender o que quisermos" (Assis, 2009).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, pôde-se concluir que a valorização das relações sociais é de tamanha importância para a formação da pessoa. Tendo por base as idéias de Vigotski, vislumbrou-se que a aprendizagem é um processo contínuo e, por isso, não pode ser considerada como algo planejado e acabado.

No âmbito escolar, através da relação professor-aluno, é de fundamental importância adotar uma postura para que a aprendizagem ocorra com êxito, como sendo a ideal de um mestre emancipador atuando com os alunos.

Abordou-se o fato de que se o conteúdo em sala de aula for limitado a somente o que surge dentro da escola, acaba resultando em uma desmotivação por parte dos alunos. Nesse sentido, deve-se levar em consideração também os fatos externos a escola. Na sociedade contemporânea, em fração de segundos, fatos relacionados ao social, política, economia ocorrem e são de total importância para a sociedade como um todo.

Pelo fato da escola ser consagrada como uma instituição de tamanha importância para a aprendizagem, onde os alunos passam boa parte do tempo, falta um acompanhamento da forma com que esta se dá no ambiente de casa com a família do indivíduo, pois a mesma está sempre em processo de continuidade, vista como um processo inacabado.

Por isso a discussão a respeito de um mestre embrutecedor e um mestre emancipador buscaram apresentar que o predomina na sociedade contemporânea é o primeiro. No entanto, o segundo é visto como um modelo ideal, onde infelizmente, pela forma com que a sociedade já moldou a idéia de escola relacionada à aprendizagem, não existem perspectivas para uma mudança repentina, o que deve ser feito são conscientizações e mudanças por parte das pessoas, para que se tente pelo menos uma aproximação da postura desse tipo de mestre.

No momento em que se buscar pôr em prática tudo que foi discutido no presente

trabalho, se concluirá que muitas das vezes somente pelo fato de “estar aberto” a dúvidas e esclarecimentos para a criança, já é o suficiente para prender sua atenção e iniciar o caminho para reelaboração de significados e continuidade de uma discussão que pode ser bastante rica para aqueles que estão envolvidos, como também para aqueles que um dia poderão ler ou ouvir sobre aquilo que foi discutido em um dado momento.

O fato de existir o predomínio de um mestre embrutecedor em grande parte das escolas, nos faz compreender que para muitos todo o conhecimento adquirido ali, fixa somente naquele momento, o que leva a pensar em novas formas de passar conhecimento através do sistema escolar.

A escola não é a única instância social capaz de passar conhecimentos e promover aprendizagem dos alunos, mas teoricamente tem chance de ser uma das primeiras a realizar tal fato com bastante êxito.

Um indivíduo ao exercer a função de mestre, não está deixando de aprender. O processo da aprendizagem dura toda a vida, e só é possível com a existência de dois ou mais indivíduos, sendo que um sempre colabora para o aprimoramento do outro. Se não se buscar a abertura para o novo e o diferente que o mundo nos apresenta, estagnamos no tempo, o que resulta em um estado de submissão.

O professor que faz planejamentos críticos e submete-se a mudanças, que acompanha seus alunos, propõe avaliações diversificadas, demonstra a possibilidade de relações dialógicas e faz com que os alunos participem da aula. Assim agindo, o professor torna-se referência para o aluno, permitindo que ele caminhe com seus próprios pés, arriscando-se, expondo-se, porém, alcançando a aprendizagem por si só, agindo e tomando suas próprias decisões.

Através de todas as leituras que pude fazer, cheguei à conclusão que a sociedade já foi moldada a acreditar que somente na escola e com professores, os alunos podem

desenvolver o processo da aprendizagem. E infelizmente, não existem perspectivas de mudança.

Os alunos, ainda crianças são acostumados a relacionar todo conhecimento adquirido com a figura de mestre, e os professores também enxergam a realidade dessa maneira. Falta o conhecimento da sociedade como um todo de que o fato do aluno aprender, não é garantia de aprendizagem para a vida eterna, e se todos fizerem a sua parte, pelo pouco que seja já significa um passo em uma longa caminhada.

Precisamos conhecer o indivíduo, não somente pelo que ele passa aos outros, e sim levando em conta toda sua subjetividade, a forma com que ele se constitui e os sentidos que ele atribui.

Diante de tais constatações, passarei a enxergar o outro de outra forma, e dar mais valor em qualquer tipo de relação dialógica estabelecida, seja em uma pequena conversa com alguém logo pela manhã, como também em uma ocasião na qual os sujeitos encaminham-se para começar o processo da aprendizagem, no caso da escola.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assis, Y. S. O. A. (2009). *Canto popular: a criação musical para Além dos muros da escola*.
Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Faculdade de educação.
- Bartholo, R. (2001). *Você e eu: Martin Buber, presença palavra*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Bruner, J. (2001). *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artmed.
- Chiaro, S. & Leitão, S. (2005). *O papel do professor na construção discursiva em sala de aula*. Recuperado em 20 de outubro, 2010, de
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279722005000300009&lang=pt.
- Illich, I. (1985). *Sociedade sem escolas*. 7 ed. Petrópolis: Vozes.
- Freire, P. (1993). *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. 13 ed. São Paulo: Olho D'água.
- Morais, J. R. C. (2010). *O valor do silêncio na atitude educativa do homem: uma ontologia do silêncio na escola*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Faculdade de educação.
- Patto, M. (1997). *Introdução a psicologia escolar* 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Peraci, E. M. (2009). *A infância espetacular sem criança e a criança sem infância espetacular*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Faculdade de educação.
- Ramos-Cerqueira, A. T. A. (1997). *A prática pedagógica como processo de comunicação*.
Recuperado em: 26 de outubro, 2010, de
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432831997000200015&lang=pt.
- Ranciére, J. (2004). *O Mestre Ignorante- cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Silva, E.G., Tunes, E. (1999). *Abolindo mocinhos e bandidos: o professor, o ensinar e o*

aprender. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Soares, T. M., Fernandes, N. S., Ferraz, M. S. B. & Riani, J. L. R. (2010). *A expectativa do professor e o desempenho dos alunos*. Recuperado em 26 de outubro, 2010, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722010000100018&lang=pt

Tacca, M. C. V. R. & Branco, A. U. (2008). *Processo de significação na relação professor aluno*. Recuperado em 20 de outubro, 2010, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2008000100005&lang=pt.

Tacca, M. C. V. R.(Org). (2008). *Aprendizagem e trabalho pedagógico*. Campinas: Alínea.

_____. (2009). *A Complexidade da aprendizagem*. Campinas: Alínea.

Tunes, E., Bartholo, R. (2009). *Dois sentidos do aprender*. Campinas: Alínea.

_____. (2005). O professor e o ato de ensinar. São Paulo: *Cadernos de Pesquisa Fundação Carlos Chagas*, 35(126).

Vigotski, L. S. (2004). *Psicologia Pedagógica*. 2 ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.